

CRIANÇAS DIVERSAS: DESCONSTRUINDO INFÂNCIAS ADJETIVADAS

Muitos têm sido os estudos sobre infâncias e crianças, mas, apesar das mudanças epistemológicas que colocam a criança no centro, como autora e protagonista, não nos cansamos de ouvir “essa criança tem isso ou aquilo”, “essa criança é isso ou aquilo”, em enunciações que dão acabamento ao sujeito, estereotipando, classificando com adjetivos que selam a possibilidade de qualquer outra forma de ser ou existir. Trabalhamos com várias perspectivas teóricas, com diferentes abordagens e intervenções nos diversos campos do conhecimento, mas há uma semelhança que nos aproxima: a desconstrução de uma criança idealizada por uma infância inventada: Com quais estereótipos e classificações você tem se deparado em sua área de conhecimento? Como seu diálogo pode modificar ou ressignificar essas adjetivações? Como sua área de conhecimento tem feito essa desconstrução? Essa foi a provocação para a escrita destes textos que compõem o Dossiê Educação em Foco 2/2019, revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, que buscou um diálogo entre a Educação, Psicologia, Psicanálise, Geografia, Sociologia, entre outras. A proposta não é trazer uma única perspectiva teórica, mas ver como diferentes perspectivas abordam diferentes temas com o mesmo objetivo: desconstruir, refletir ou tensionar um tema, uma adjetivação, com o arcabouço da área do conhecimento, contribuindo para um olhar outro sobre as infâncias e as crianças em suas vidas escolares e cotidianas.

Além das áreas, trabalhamos, ainda, com diferentes instituições do Estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, bem como em diálogo com pesquisadores da França, Colômbia e da Argentina, que nos

permitiram ampliar nossa visão teórica e prática, a partir das experiências e pesquisas desenvolvidas em seus países.

O professor **Gilles Monceau**, professor de Universités Sciences de l'Éducation à l'Espé de l'Académie de Versailles, Université de Cergy-Pontoise (UCP), participa, com a tradução de seu texto, feita pelo professor Doutor **Fabrice Senopkon**, *Da classificação dos indivíduos ao seu devir na instituição escolar*, com publicação na França, em 2019, refletindo, a partir da análise institucional, sobre a adjetivação das crianças nas instituições francesas e sobre as transformações e processos de integração e inclusão.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o autismo, entre outros termos da Psicopatologia, mobilizaram a pesquisadora **Laurence Croix**, professora de Psicologia e Ciências da Educação na Université de Paris-Nanterre/ França, para a escrita deste texto, traduzido pela professora **Maria Renata Prado**, que historiciza as noções de doença, sintoma e síndrome na Medicina, questionando se o comportamento pode se constituir, isoladamente, como uma doença e se não corremos o risco de não reconhecer o verdadeiro sofrimento psíquico das crianças.

Da Colômbia vem a preocupação da Professora **Juanita Reina Zambrano**, investigadora do Centro Internacional de Investigación para el Desarrollo de la Educación – UNIMINUTO - Bogotá – Colômbia, em abrir um debate em torno da epistemologia da Educação Especial e suas implicações para a formação de seus profissionais, uma visão histórica sobre os fatos e conceitos que demarcaram os devires epistemológicos da disciplina, suas influências na formação de educadores especiais e as tendências que perpassam o interior das suas práticas pedagógicas.

Lucas Rocha Goncalves – psicólogo e **Claudia C.G. Santana**, coordenadora do Desmedicalização da Vida / Petrópolis, professora do Mestrado Profissional em Educação da UFJF, ambos membros do Grupegi – UFF/UFJF, tensionam a forma como o saber médico, representado pela adjetivação

da medicalização, tem respondido às demandas relacionadas à aprendizagem escolar. O objetivo é refletir sobre os princípios epistemológicos desse saber biologizante/classificatório e as consequências de seu exercício para as compreensões em torno das práticas educativas com foco na patologização de crianças. Nessa perspectiva, refletem sobre como construir processos de desmedicalização na educação que se contraponham à lógica de negação das múltiplas formas de ser e estar neste mundo.

A "agitação" da criança, a impulsividade e os problemas de atenção mobilizaram **Maria Renata Prado**, da Université de Cergy-Pontoise, e **Luciana Caliman**, da Universidade Federal do Espírito Santo, para um diálogo sobre a medicalização das dificuldades de aprendizagem na escola, em uma análise da experiência de famílias francesas face ao diagnóstico e a prescrição de metilfenidato. O que pensam e revelam as famílias entrevistadas sobre os efeitos do diagnóstico de TDAH e sua medicalização na França?

Ainda sobre o TDAH e as questões do fracasso escolar, as pesquisadoras **Rita de Cássia de Araújo** e **Ilka Schapper**, da Universidade Federal de Juiz de Fora, apresentam a estreita relação, na contemporaneidade, do discurso médico-psiquiátrico e das neurociências. Trazem a percepção de que as instituições escolares, muitas vezes, são as primeiras e maiores mensageiras dos diagnósticos e das patologizações da infância. Trazem as discussões da Psicanálise, como possibilidade de fazer uma torção ao discurso vigente e apostam que o fracasso escolar possa ser incluído como algo que diz do sujeito, da criança e de seus tropeços... Seria possível essa desconstrução do fracasso escolar?

Ana Lucia A. C. Lopes e **Marisol Barenco de Mello**, pesquisadoras do Grupo Atos -UFF, com o respaldo da Filosofia da Linguagem, também apostam na desconstrução de adjetivos dados às crianças que participam do fracasso escolar. É no diálogo com uma dessas crianças que tensionam o adjetivo *ingênuo*, que, ao ser usado, joga o sujeito para fora da cultura, tirando sua possibilidade de ser *ativo*, *expressivo*

e falante, como nos diz Bakhtin, Pode a criança que sofre diferentes qualificações, trazer, em suas enunciações, uma contrapalavra?

Daniela B. S. Freire Andrade da Universidade Federal do Mato Grosso, **Clarissa Prado de Souza da** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e **Susana Seidmann** da Universidade de Buenos Aires e Universidad de Belgrano, propõem reflexões em torno das teses de continuidade e descontinuidade da mente, para analisar alguns de seus impactos na Psicologia Social de Moscovici e na Psicologia da Infância. Analisam a ação de *themata* de base na construção de saberes científicos, objetivando, por meio da ideia de múltiplos ordenamentos da realidade e da noção de polifasia cognitiva (MOSCOVICI, 1978), questionar o estatuto social da criança como sujeito de representações sociais.

As vivências espaciais constituem o mote do artigo de **Brenda Martoni Mansur Corrêa Da Costa, Jader Janer Moreira Lopes e Nádia de Oliveira Ribas**, do GRUPEGI UFF/UFJF, que buscam refletir sobre o trabalho com crianças que vivem em um município localizado no interior de Minas Gerais, Brasil. As crianças, consideradas com Transtorno do Espectro Autista –TEA, desenvolvem atividades em um centro especializado denominado Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE). O trabalho, envolvendo elementos da linguagem cartográfica e utilizando metodologias qualitativas, buscou registrar as vidas dessas crianças.

A compreensão do bebê como categoria social, numa perspectiva conceitual, através da análise da sua condição de sujeito e pessoa, faz parte das pesquisas de **Anelise Monteiro do Nascimento**, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e **Glacione Ribeiro da Silva Arruda**, membro do Grupo de Pesquisa Infâncias até 10 anos (GRUPIs/ UFRRJ) , com aporte em alguns princípios de Lacan, Winnicott, Pikler, Arendt, Foucault e Lloret. As autoras buscam desconstruir um conceito sobre o bebê como *devir*, um *não-ser*, ou um ente ainda *sem ser*, para mostrar que o bebê é.

As professoras **Nazareth Salutto**, da Universidade Federal Fluminense e **Sonia Kramer**, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, compartilham da perspectiva que o *bebê é* na relação proposta no encontro dos bebês com os livros. Focalizam o caráter da linguagem enquanto brincadeira, expressão e modo de *ser* e *estar* no mundo, revelando sutilezas do jogo estabelecido pelo bebê no seu processo de inserção, participação e apropriação da cultura que lhe é dada a conhecer. Essa possibilidade só se concretiza quando se compreende o *bebê como pessoa*.

Entendemos que este dossiê não alcança todas as adjetivações que precisam ser desconstruídas e tensionadas, mas, quando falamos de crianças e infâncias diversas em diferentes contextos, escola, creche, atendimentos educacionais, entre outros, observamos as dimensões políticas e culturais que garantem ou não seus direitos, as concepções que as enquadram ou que as libertam. Assim, mesmo em situações de acaso ou do descaso, o adjetivo *invisível* não terá lugar em nossos textos. Pela linguagem, ela será *protagonista*, terá *autoria*, será *expressiva e falante* como o bebê que enuncia: *Abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu...* e nós, pesquisadores, estaremos na escuta, não para lhe dar acabamento, mas para aprender e *pesquisar com!*

Ana Lúcia Adriana Costa e Lopes

Ilka Schapper Santos

Maria Renata Prado

Setembro de 2019

